

## DE GASTON BACHELARD À MICHEL FOUCAULT: DESCONTINUIDADE E QUESTÃO ANTROPOLÓGICA<sup>1</sup>

### *DE GASTON BACHELARD À MICHEL FOUCAULT : DISCONTINUITÉ ET ENJEU ANTHROPOLOGIQUE*

Thácio Ferreira dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** A obra foucaultiana recebeu variadas influências, na medida em que foi se desenvolvendo e se complexificando, no período que abrange as décadas de 1960 e 1970, até os anos 1980. Durante esse período, Foucault introduz no campo da historiografia questões pertinentes à filosofia, tendo Gaston Bachelard (1884-1962), Alexandre Koyré (1902-1968) e Georges Canguilhem (1904-1995), seus grandes referências da epistemologia historiográfica. Ao congregar, de maneira original, diversas perspectivas teóricas, Foucault inaugura uma nova abordagem de investigação sobre a constituição dos saberes. Tal abordagem, será designada pelo filósofo de arqueologia. A filosofia bachelardiana permaneceu uma referência para Foucault, sobretudo pelas análises realizadas sobre constituição dos saberes científicos. Apesar das evidentes divergências entre a posição da epistemologia bachelardiana e a arqueologia foucaultiana com relação a questão da recorrência histórica, ambas perspectivas se apoiam em uma visão descontinuista do tempo. O presente estudo visa, num primeiro momento mostrar, as possíveis aproximações e distâncias entre a epistemologia bachelardiana e a arqueologia foucaultiana; e

<sup>1</sup> Artigo redigido como requisito para avaliação do aluno na disciplina Seminário IV; ministrada pela professora Dra. Fillipa Carneiro Silveira, no programa de Pós-graduação em Filosofia da UFU, 2022.1.

<sup>2</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco e graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: [thacio.fdossantos@gmail.com](mailto:thacio.fdossantos@gmail.com)

num segundo momento, apontar alguns elementos em torno do descontinuísmo de Foucault, herdado de Bachelard, e sua relação com a questão antropológica.

**Résumé :** L'œuvre foucauldienne a reçu diverses influences, au fur et à mesure de son développement et de sa complexification, dans la période qui couvre les années 1960 et 1970, jusqu'aux années 1980. Durant cette période, Foucault introduit des questions relevant de la philosophie dans le domaine de l'historiographie, ayant Gaston Bachelard (1884-1962), Alexandre Koyré (1902-1968) et Georges Canguilhem (1904-1995), ses grandes références en épistémologie historiographique. En réunissant, de manière originale, différentes perspectives théoriques, Foucault inaugure une nouvelle approche de la recherche sur la constitution des connaissances. Une telle approche sera désignée par le philosophe d'archéologie. La philosophie bachelardienne reste une référence pour Foucault, notamment pour les analyses menées sur la constitution des savoirs scientifiques. Malgré les divergences évidentes entre la position de l'épistémologie bachelardienne et celle de l'archéologie foucauldienne sur la question de la récurrence historique, les deux perspectives semblent être soutenues par une vision marquée par la discontinuité du temps. La présente étude vise, dans un premier temps, à montrer les rapprochements et les distances possibles entre l'épistémologie bachelardienne et l'archéologie foucauldienne ; dans un deuxième moment, on veut pointer quelques éléments autour de la notion de discontinuité de Foucault, héritée de Bachelard, et son rapport avec la question anthropologique.

## Introdução

A obra do filósofo Michel Foucault (1926-1984) ganha lugar de destaque no panorama intelectual francês, especialmente a partir da década de 1970, período em que seus estudos sobre a loucura, a clínica médica e formação das ciências humanas passam a ser amplamente acolhidos pela crítica e difundidos nos meios universitários. Por meio de diversos livros, artigos e conferências, o pensamento foucaultiano se desenvolve, em um primeiro momento, na direção de uma arqueologia do saber.

Tal arqueologia, se apoiará antes em uma visão descontinuísta do tempo. Ao lado de G. Canguilhem, F. Dagognet, P. Bourdieu, e muitos outros, M. Foucault seguiu os passos do novo espírito bachelardiano, para desenvolver uma nova abordagem sobre os saberes sobre o homem. Apesar de divergir parcialmente da epistemologia bachelardiana e a arqueologia foucaultiana com

relação a questão da recorrência histórica, ambas perspectivas se apoiam em uma visão descontinuista do tempo. Se a filosofia foi pioneira ao mostrar os saltos e rupturas que ocorrem entre os saberes científico de uma época e outra, Foucault centrou seus interesses na constituição das assim chamadas ciências do homem, inaugurando uma investigação sobre essa nova região do saber em que o homem é considerado sujeito e objeto do próprio saber. Tal empreendimento permitiu revelar que também os critérios lógicos, os discursos e as práticas mudam de época para época, sem que necessariamente isso implique em um progresso no que se refere ao conhecimento do homem.

Contudo, as bases desses desenvolvimentos parecem encontrar-se já delineadas em alguns de seus primeiros escritos, especialmente, na sua tese de doutorado “História da loucura” e em sua tese complementar “Gênese e estrutura da Antropologia de Kant”, como também em “As palavras e as coisas”; num percurso que parte da crítica a antropologia kantiana, passando pela análise das mutações históricas que possibilitaram diferentes discursos e das práticas a respeito do louco, até a constituição do saber sobre o homem. Neste último caso, como veremos, o método da descontinuidade permite revelar variações e não progressos, pois aquilo que é adotado como critério de verdade em uma época, pode ser considerado como erro em outra.

O presente estudo visa, num primeiro momento mostrar, as possíveis aproximações e distâncias entre a epistemologia bachelardiana e a arqueologia foucaultiana; e num segundo momento, apontar alguns elementos em torno do descontínuo de Foucault, herdado de Bachelard, e sua possível relação com a questão antropológica.

### **1. Vinculações e desvinculações entre Gaston Bachelard e Michel Foucault:**

A obra foucaultiana recebeu variadas influências, na medida em que foi se desenvolvendo e se complexificando, no período que abrange as décadas de 1960 e 1970, até os anos 1980. Durante esse período, Foucault introduz no campo da “historiografia e da Educação questões pertinentes à filosofia, tendo Gaston Bachelard (1884-1962), Alexandre Koyré (1902-1968) e Georges Canguilhem (1904-1995) como seus grandes referências da epistemologia historiográfica” (LAMAR; NASCIMENTO, 2003, p.122). Foucault consegue então

congregar, de maneira original, diversas perspectivas teóricas; inaugurando uma nova abordagem de investigação sobre a constituição dos saberes. Tal abordagem, será designada pelo filósofo de arqueologia (FOUCAULT, 1978).

Em sua primeira versão, a arqueologia é representada pela tese de doutorado de Foucault, cujo título editado originariamente foi *Folie et déraison. Histoire de la folie à l'âge Classique* em 1961 ; e *Histoire de la folie à l'âge classique* (1964), em edições posteriores. Nesses primeiros estudos, a arqueologia foucaultiana tem a psiquiatria como seu alvo principal. De acordo com Machado (2006), o objetivo da arqueologia não será simplesmente realizar a história da psiquiatria a partir da dos seus conceitos e métodos, mas “estabelecer as condições históricas de possibilidade dos discursos e das práticas que dizem respeito ao louco considerado como doente mental” (MACHADO, 2006, p,35). Retrata-se em tal obra como se deu do banimento do louco, ou seja, a história desse processo de banimento. Trata-se, portanto, da “arqueologia de uma alienação” (FOUCAULT, 1978, p.92).

Se, por um lado, a trajetória intelectual de Foucault ficou marcada pela elaboração da arqueologia, por outro, é importante assinalar que o procedimento arqueológico diz respeito aos somente aos primeiros desenvolvimentos do pensamento foucaultiano. Aliás, estudiosos da obra foucaultiana como Muchail (2004) tendem a classificá-la, geralmente, em três grandes momentos ou fases: O período arqueológico inaugurado na década 1960 e que inclui obras como a História da loucura; um segundo momento, entre 1970 e 1980, conhecido como genealógico, centrado em questões que envolvem os mecanismos de poder; e finalmente, um terceiro momento que diz respeito a constituição do sujeito ético, em obras que datam os anos de 1980.

Tendo em vista a amplitude da obra foucaultiana e os limites do presente estudo, me concentrarei, exclusivamente, em alguns aspectos do chamado período arqueológico, ou seja, centrarei minha atenção em alguns elementos na fase em que Foucault está empenhado em elucidar e problematizar os discursos considerados científicos, e mais especificamente, os discursos das ciências humanas - em última instancia: os discursos sobre esse complexo objeto do saber que é o homem.

Para melhor estudar o itinerário foucaultiano convêm, de início, lembrar que até os anos 1950, um dos paradigmas dominantes na Europa, e especialmente na França, era o estruturalismo. As obras de pensadores como as do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e do linguista e fonólogo russo, Roman Jakobson (1896-1982) exerceram, por exemplo, profunda influencia no meio intelectual europeu. Porém, enquanto a análise linguista dizia respeito a língua como sistema formal regido por regras, a descrição foucaultiana buscava estabelecer não as regras, mas o jogo das regras que define “as condições de possibilidade do aparecimento, das transformações e do desaparecimento tais ou quais discursos” numa determinada época, e em uma determinada sociedade (MUCHAIL, 2004, p.11-12). A esse jogo das regras pode-se chamar *epistême* de uma época, ou seja, trata-se de um solo paradigmático comum onde são constituídas as formações discursivas que compõe as diferentes configurações do saber.

Mas se em um primeiro momento o pensamento foucaultiano esteve associado ao estruturalismo, outras aproximações interessantes também poderiam ser feitas para situar a obra de Foucault em relação as obras de Freud, Nietzsche, Georges Dumézil, como também em relação a fenomenologia. Além disso, em suas análises conceituais, Foucault recorre frequentemente à diversos temas sugeridos pela literatura, pela poesia ou pela pintura, no intuito de elucidar as problemáticas abordadas em seu percurso de reflexões, como por exemplo, nos seus estudos sobre a loucura e a formação dos saberes, dentre outras problemáticas (MACHADO, 2006).

De maneira geral, os trabalhos de Foucault ficaram conhecidos por suas críticas agudas e perspicazes às instituições sociais, assim como por suas análises sobre a psiquiatria, a medicina, o sistema prisional; e ainda, por suas ideias sobre a história da sexualidade e análises das complexas relações entre poder e saber. Durante o período de 1960, Foucault esteve empenhado, sobretudo, em investigar os modos de existência dos discursos, e mais especificamente dos discursos científicos, para que assim se constituísse o campo de estudo que toma por objeto o homem. Mas para isso, Foucault não se limitou em integrar elementos do estruturalismo nas suas análises sobre a constituição dos saberes; deixando-se influenciar também por pesadores da

assim chamada escola epistemológica francesa, cujo o principal representantes foi o filósofo Gaston Bachelard (1884-1962).

Seguindo uma via de investigação diversa ao estruturalismo, a filosofia bachelardiana incorpora uma abordagem completamente única na paisagem da filosofia francesa em meados do século XX. G. Bachelard representa um estilo professoral que atraiu gerações de estudantes filósofos, mas também de auditores que lotavam as salas de aula da Sorbonne nos de 1940. De modo geral, pode-se afirmar que a filosofia bachelardiana se desenvolveu a partir de dois grandes eixos: um eixo reconhecido pelas para investigações sobre o universo onírico, os devaneios e imagens poética, a imaginação: trata-se em suma, da constituição uma ciência da imaginação poética. Já o outro eixo de pesquisas bachelardianas, voltado especificamente a filosofia das ciências, marcou especialmente mais de uma geração de filósofos franceses ligados sobretudo à compreensão de uma nova racionalidade, não só própria a matemática e as ciências naturais, mas também às ciências humanas. G. Canguilhem, F. Dagognet, M. Foucault, P. Bourdieu e muitos outros seguiram os passos de um espírito, mais do que de uma doutrina, para desenvolver uma nova abordagem da epistemologia que se tornaria uma espécie de característica específica da universidade francesa (WUNENBURGER, 2003, p.9-10).

Em um belo prefácio escrito para compor uma das obras póstumas de Bachelard, o filósofo Canguilhem (2008: p.10) assinala que era preciso inventar em filosofia um dualismo sem excomunhão mutua entre o real e imaginário. A filosofia bachelardiana seria responsável por essa novidade, sobretudo propor de maneira ousada, um novo principio de complementariedade que congrega o tempo acelerado da impaciência epistemológica, ou seja, da renovação constantes dos saberes e o tempo preguiçoso do universo onírico.

Em sua vertente epistemológica, a filosofia bachelardiana parte da constatação que os filósofos e sua filosofia estão sempre defasados em relação às ciências praticadas em sua época. Seria sempre difícil de dar conta desse tempo acelerado da impaciência epistemológica assinalado acima por Canguilhem. Haveria, portanto, uma certa defasagem, uma vez que a filosofia das ciências, tinha sido, sobretudo no início do século XX, colocada em segundo plano. O descompasso entre cientistas e filósofos, impediria qualquer tentativa

de encontrar fronteiras epistemológicas, a fim de que ciência e filosofia pudessem se encontrar em um mesmo plano. “A ciência cria com efeito uma filosofia. O filósofo deve, portanto, tornar flexível sua linguagem para traduzir o pensamento contemporâneo em sua versatilidade e mobilidade” (BACHELARD, 1978, p.92). Percebe-se, deste modo, que se encontra presente no pensamento bachelardiano, a preocupação em entender os limites e fronteiras entre ciência, filosofia e epistemologia, para assim melhor proporcionar o entendimento entre o homem e sua busca pelo conhecimento.

É pensando fora dos quadros tradicionais da filosofia de seu tempo que Bachelard (1996:p.19), o conhecimento não como um processo cumulativo ao da história, como um processo dinâmico e inacabado de espiritualização, pois cada novo conhecimento deve retificar antigos erros. É a partir da superação dos obstáculos epistemológicos que o conhecimento avança, já que “No fundo, o ato de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização”.

Bachelard (1978) refuta por um lado, as posições estáticas e dogmáticas do positivista de Augusto Comte (1788-1857). Posições estas que postulam, por exemplo, que as ciências modernas representam o estágio mais avançado do conhecimento, se tomá-las em relação os saberes de eras anteriores. Segundo tal perspectiva, as únicas verdades que podemos nos referir são os enunciados das ciências experimentais, tomados como verdades unívocas e definitivas. De maneira que, qualquer outro tipo de juízo de ordem teológica e metafísica deveria ser abandonado. A fundação das ciências experimentais marca então um período que a necessariamente explicar os fenômenos, mas prevê-los para dominá-los. O aparecimento das ciências na história deveria, de acordo com a filosofia positivista, representar uma nova possibilidade de viver em “ordem” e num continuo “progresso” (JAPIASSÚ, 1977, p.65-66).

Ao conceber o conhecimento como um trabalho de constante retificação de erros anteriores, em termos de uma dialética não kantiana, e propor ainda uma revisão da posição positivista, Bachelard abre uma nova via de investigação que inspira toda uma geração de pensadores. Essa nova geração de pensadores, tal como Bachelard, também vai buscar refutar e problematizar, de certo modo, a

ideia de progresso linear e contínuo dos conhecimentos. Rompendo com uma visão estática, pautada na certeza, na identidade, e por sua vez, em dicotomias, assim como na ideia do progresso científico linear, Bachelard postula a favor de um dinamismo inerente ao ato de conhecer, uma vez que para o filósofo, há em todas as ciências rigorosas, um pensamento inquieto que desconfia das identidades mais ou menos aparentes e exige sem cessar mais precisão: “Precisar, retificar, diversificar são tipos de pensamento dinâmico que fogem da certeza e da unidade, e que encontram nos sistemas homogêneos mais obstáculos do que estímulo” (BACHELARD, 1996, p.21). Ao seguir na contramão dos quadros conceituais de seu tempo, Bachelard nota que o homem movido pelo espírito científico deseja sempre saber mais, mas para melhor questionar e não simplesmente para acumular e prever.

É possível, então, situar a epistemologia bachelardiana como um esforço de racionalidade e de construção conceitual, diferentemente do estilo de trabalho adotado pelo historiador das ideias. Haveria, assim, uma diferença fundamental entre o que se compreende por historiador das ideias e por epistemólogo. “Enquanto o historiador da ciência deve tomar as ideias como se fossem fatos, o epistemólogo deve tomar os fatos como se fossem ideias, inserindo-as num sistema de pensamento” (BACHELARD, 1996, p.22). Ainda segundo o ponto de vista bachelardiano, um fato mal interpretado por uma época permanece, para o historiador, um fato, mas para o epistemólogo, torna-se um obstáculo, ou seja, uma espécie de contra-pensamento. O epistemólogo deverá, portanto, levar em conta os obstáculos epistemológicos que impedem as ciências de avançarem.

De maneira geral, pode-se dizer que a tese principal da epistemologia francesa de inspiração bachelardiana é que a filosofia das ciências possui uma dimensão histórica. A epistemologia se coloca, deste modo, como uma reflexão sobre a produção de conhecimentos científicos no curso temporal. Contudo, essa reflexão tem por objetivo principal avaliar a ciência do ponto de vista de sua cientificidade, tematizando a questão da racionalidade; considerado, então, a ciência como atividade racionalista por excelência. Assim, conforme observa Machado (2006: p.18), a epistemologia se interessa, sobretudo pelo estudo da ciência e pelo discurso normatizado e normativo, que é aliás “o lugar

próprio do conhecimento e da verdade e, como tal, é instauradora de racionalidade”. A epistemologia tem assim por tarefa não só demonstrar que a razão tem uma história, mas também propor uma reflexão sobre a história das ciências; reflexão esta capaz de demonstrar e indicar o itinerário das ciências no curso história.

## 2. Ressonâncias bachelardianas na concepção descontinuista de Michel Foucault: A questão da descontinuidade e a problemática antropológica

A História das ciências revela, no seu desenvolvimento, o que em cada época pode ou não ser pensado, ou seja, aquilo que se é considerado como geralmente válido e verdadeiro. Nesse sentido, pode-se conjecturar que toda ciência se desenvolve no âmbito de uma *epistème*. A partir desse ponto de partida, Foucault pensa o *a priori* histórico, não em num sentido bachelardiano, mas num mesmo sentido do *a priori* kantiano, independente da experiência, como um campo de pensamento autônomo. Apesar disso, “Tanto Bachelard como Foucault mostram como o pensamento, na sua relação com a verdade, tem também uma história. Uma história do pensamento enquanto pensamento da verdade, verdade como processo de objetivação” (BARBOSA, 1995, p.112).

Não obstante, a ideia de objetivação significaria antes uma problematização, e não necessariamente representação de um objeto preexistente. Evocando uma das últimas entrevistas de Foucault, Muchail (2004: p.19) relembra que a filosofia foucaultiana buscou já em seus primeiros desenvolvimentos, como por exemplo, em sua tese sobre a história da loucura, o como e porque, num dado momento, a loucura passou a ser problematizada a partir de uma certa prática institucional e um certo aparelho de conhecimento. Não somente as ciências físicas e matemáticas sustentam discursos sobre si mesmas, mas a “ Loucura também tem seus jogos acadêmicos: ela é objeto de discursos, ela mesma sustenta discursos sobre si mesma...” (FOUCAULT, 1978, p.19)

Se, por um lado, a abordagem de Foucault leva em conta as lições bachelardianas sobre a questões como as da racionalidade científica e retificações dos saberes científicos, por outro lado, há um progressivo

distanciamento do pensamento foucaultiano com relação as teses epistemológicas bachelardianas; distância que leva o a filosofia foucaultiana na direção de uma nova concepção da história. A este respeito Machado (2006), chama atenção para o fato de que a especificidade da história arqueológica diz respeito a problemática da racionalidade. Já a filosofia de Bachelard, concentrando sua pesquisa no racionalismo regional da física e da química, ciências constituintes da região da natureza ou da matéria, desclassifica toda pretensão de formular um racionalismo geral.

Seguindo essa mesma orientação, Georges Canguilhem (2011), retoma em algumas de suas obras, como por exemplo, em “O normal e o patológico”, as principais categorias metodológicas da epistemologia bachelardiana, para assim estudar uma outra região de cientificidade, formada mais especificamente, por disciplinas como a biologia, a anatomia e fisiologia; disciplinas denominadas geralmente como “ciências da vida”. Para Canguilhem (2011: p.119) a linha de narração histórica das ciências não é senão a forma de uma descontinuidade radical. Trata-se, portanto, de uma “História puramente contingente, que coleta datas, biografias e anedotas, mas que afinal não dá conta de nada, sobretudo do status histórico de uma ciência constituída.”

O ponto de vista de Foucault parece se distinguir dos seus antecessores, Bachelard e Canguilhem, na medida em que a história arqueológica está centrada, não saberes regionais como a física ou a biologia, mas no homem. Trata-se, agora de compreender como se deu a constituição histórica das ciências do homem na modernidade (FOUCAULT, 1978, 2000). “Ao abandonar a questão da cientificidade – que define o projeto epistemológico –, a arqueologia realiza uma história dos saberes de onde desaparece qualquer traço de uma história do progresso da razão” (MACHADO, 2006, p.6). O que está em jogo no procedimento da arqueologia é estabelecer o quais são as regras que o que em uma determinada época e numa determinada, o que se pode dizer e como pode ser dito, a que instituições isto que é dito se vincula; “enfim, o que pode ser reconhecido como verdadeiro e o que pode ser excluído como desqualificável” (MUCHAIL, 2004, p.12).

Mesmo respeitando a especificidade da epistemologia, a arqueologia foucaultiana procurou mostrar como a história epistemológica se encontrava na

impossibilidade de analisar convenientemente o tipo de problema que ela pode elucidar. Daí a importância de levar em consideração o método arqueológico como um instrumento capaz de refletir sobre as ciências do homem como saberes passíveis de mutações, já o que é adotado como critério de verdade em uma época, pode variar em outra e passar a ser considerado como erro, como por exemplo, a noção similitude no século XVII, que no curso do tempo, deixou de ser forma de saber, “mas antes a ocasião do erro, o perigo ao qual nos expomos quando não examinamos o lugar mal esclarecido das confusões” (FOUCAULT, 2000, p.70).

Em suas primeiras obras, Foucault pretende apresentar “uma espécie de espaço epistemológico da constituição das ciências humanas de caráter racional e científico” (JAPIASSÚ, 1977, p.113). Ao neutralizar a questão da cientificidade e abrir-se aos diversos tipos de saberes que compõe a cultura, o método arqueológico deve então percorrer o acontecimento segundo sua disposição manifesta e sobretudo, mostrar que “o espaço geral do saber não é mais o das identidades e das diferenças, mas um espaço feito de organizações, isto é, de relações.” (FOUCAULT, 2000, p. 297). Como bem destacou Oliveira (2008: p.170-171) a arqueologia não deve ter tomada como, um estudo da origem, senão das origens relativas, das irrupções e dos começos; e ainda analítica das condições de produção dos enunciados.

Apesar das evidentes divergências entre a posição da epistemologia bachelardiana e a arqueologia foucaultiana com relação a questão da recorrência histórica, ambas perspectivas parecem se apoiar em uma visão descontinuista do tempo. Por um lado, Bachelard (1978) foi pioneiro ao evidenciar as rupturas que aparecem na história da ciência Física, entre os Paradigmas de Galileu, Newton e Einstein, por exemplo. O filósofo das ciências mostra ainda que entre um paradigma e outro não haveria passagem, mas saltos. Esses momentos descontínuos só podem ser percebidos através da análise dos discursos científicos, dos significados dos conceitos pela sua atualidade, dentro de uma história que nunca se esgota, mas que sempre recomeçada, sempre reescrita (BARBOSA, 1995, p.112). Por outro lado, Foucault (2000) se utiliza do método da descontinuidade como estratégia para desmontar os essencialismos com que enxergamos as questões modernas, bem

como para “ironizar a ideia de origem e para desestabilizar os lugares de verdade (e os poderes neles investidos) que ocupam os saberes, camuflados pelo discurso do conhecimento” (OLIVEIRA, 2008, p.170).

Em sua História da loucura, Foucault explora essa dimensão descontinuísta, abordando as transformações que perpassaram a ideia de loucura; mudanças, aliás, que não se baseavam necessariamente em critérios lógicos, mas que implicam modificações não só na ordem do conhecimento, mas nas práticas, ou seja, nas formas de lidar com a loucura. Tais formas variam no curso da história: O louco de livre, passou a ser encarcerado em instituições, e em seguida, surge um novo período onde a loucura passa ser submetida a tratamento clínico. Haveria então uma nítida descontinuidade entre o Renascimento e a Idade Clássica; período em que a loucura passou a ser reduzida a um crime. Também o comportamento sensato foi confinado a um determinado modelo, pautado numa concepção racional da sociedade em que trabalho e obrigações morais foram incorporadas às leis civis. A loucura desviante tornou-se des-razão. No final da Idade Clássica, seguiu-se outra descontinuidade: o confinamento do louco como passa a ser encarado como uma barbárie. A loucura deixa de ser tratada como uma questão criminal. Desde então, o louco passou a ser “entregues ao juízo médico: apenas ele nos introduz no mundo da loucura. Apenas ele permite que se distingam o normal do insano, o criminoso do alienado irresponsável.” (FOUCAULT, 1978, p.140).

No que concerne à constituição dos saberes sobre ciências humanas, a investigação arqueológica mostra as descontinuidades na *epistémê* da cultura ocidental, como por exemplo, aquela que inaugura a idade clássica, e aquela no início do século XIX. Em “As Palavras e as coisas” uma das hipóteses que atravessam o livro é que o homem, como figura do saber, tem uma idade recente (final do século XVIII) e talvez um fim próximo. Em sua constituição o ser humano é ambíguo pois se apresenta como ser finito e limitado entre os saberes empíricos. Ao mesmo tempo, é um ser pensado além dos limites de sua própria empiricidade. Além disso, o homem é simultaneamente sujeito e objeto do saber; é pensado ao mesmo tempo em termos de conteúdo empírico e forma transcendental. A antropologia nasce e passa a se definir como tipo de um conhecimento que “confere valor transcendental aos conteúdos empíricos. Na

dimensão empírica do homem estão alojadas as formas transcendentais que permitem conhecê-lo” (CANDIOTTO, 2006, p.184).

A arqueologia não se ocupará, portanto, em descrever conhecimentos em seu progresso em direção a uma objetividade, mas busca trazer à luz o campo epistemológico, quer dizer, a *epistème*. É, pois, nesse domínio que os conhecimentos passam a ser encarados fora de qualquer critério racional e objetivo, que se enraízam em sua positividade. De maneira que, a história não se revela como um relato em direção a uma sua perfeição crescente, mas antes, como condições de possibilidade; “neste relato, o que deve aparecer são, no espaço do saber, as configurações que deram lugar às formas diversas do conhecimento empírico” (FOUCAULT, 2000, p.18).

Alguns elementos dessa abordagem sobre o tempo e sobre a visão de homem parecem já está implícita na tese complementar de Foucault, cujo título é “Gênese e estrutura da Antropologia de Kant”. Em tal obra, vê-se que antropologia geral poderia surgir como um domínio que não se restringe ao domínio da natureza e das determinações extrínsecas, pois o homem é antes habitado “pela presença surda, solta e por vezes de uma liberdade que se exerce no campo da passividade originária” (FOUCAULT, 2011, p.33). O que em resumo se esboça no domínio próprio da antropologia são sínteses empírico-transcendais que se dão na forma do tempo. Como nos lembra Candiotto (2006: p.184), Foucault buscou demonstrar algumas de suas obras, como em *As Palavras e as coisas*, que desde início do século XIX o pensamento ocidental é marcado pela recorrência da confusão empírico-transcendental. O pensamento antropológico atribuiu-se um estatuto epistêmico próprio, prescindindo de uma crítica do conhecimento no sentido kantiano. Ao contestar o positivismo e a dialética Foucault propõe uma releitura das lições de Kant. Tal crítica permitiu revelar, a partir de uma análise descontínuista do tempo, que os saberes sobre homem se produziram na provisoriedade das objetivações. Longe de ser fonte doadora de “sentido ou a gênese a partir da qual qualquer conhecimento é fundamentado; o homem é pelo contrário, uma figura dispersa do saber, objeto de uma invenção recente e preste a desaparecer” (CANDIOTTO, 2006, p.197).

**Conclusão:**

Ao término desse percurso de estudos verificou-se que o método da descontinuidade histórica de Bachelard teve um importante para obra foucaultiana, pois parte-se do princípio que os saberes possuem uma dimensão histórica. Contudo, a produção dos conhecimentos científicos não segue necessariamente um progresso no curso temporal. Contudo, na visão bachelardiana, a ciência avança a partir da superação de obstáculos, que em muitos se revelam por uma mudança radical entre a *epistème* de uma época e outra. Já Foucault, ao se basear no método da descontinuidade herdado de Bachelard, funda uma arqueologia que revela as descontinuidades históricas ocorridas na *epistémê* da cultura ocidental, sobretudo, no que se refere a estatuto do louco e da loucura, como também os critérios de verdade em que se apoiam os saberes sobre o homem. No que se refere as ciências humanas, o que se pode verificar que o que em uma época é compreendido como verdade, pode variar em outra e passar a ser percebido como erro, sem que tais critérios, práticas e discursos sejam sustentados por uma lógica ou racionalidade. Finalmente, convém observar que a crítica à antropologia katiana permite identificar recorrência da confusão empírico-transcendental no pensamento ocidental. Tal confusão se apresenta para Foucault como campo fecundo para uma análise história, que levem em conta não mais o progresso, mas descontinuidades dos saberes sobre a loucura, e sobre o homem, considerado desde a modernidade, como sujeito e objeto do saber.

#### **Bibliografia:**

BACHELARD, G. (1996). **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento.** Contraponto.

BACHELARD, G. (2007). (1978). **O Novo Espírito Científico.** In: Coleção Os Pensadores. Abril Cultural.

BARBOSA, E. (1995). **Espaço-tempo e poder-saber. Uma nova epistème? (Foucault e Bachelard).** *Tempo social*, 7, 111-120.

CANDIOTTO, C. (2006). **Michel Foucault o problema da antropologia**. Revista Philosophica, 29.

CANGUILHEM, G. (2008). **Prefácio**. In: Bachelard, G. Estudos. Contraponto.

CANGUILHEM, G. (2011) **O normal e o patológico**. Forense Universitária.

FOUCAULT, M. (1978). **História da Loucura na Idade Clássica**. Perspectiva.

FOUCAULT, M. (2011). **Gênese e estrutura da antropologia de Kant**. Loyola.

GAYON, J.; WUNENBURGER, J. J. (2003). **Bachelard et l'épistémologie française**. PUF.

JAPIASSÚ, H. (1977). **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

ALVES, F. LAMAR, A. R.; NASCIMENTO, L. R. (2013). Vinculações filosóficas de Michel Foucault. **Revista Húmus**. v. 3, n. 9, p. 122-139.

MACHADO, R. (2006). **Foucault, a ciência e o saber**. Zahar.

MUCHAIL, S. T. (2004). **Foucault, simplesmente**. Edições Lyola.

OLIVEIRA, C. (2008) **A vertigem da descontinuidade: sobre os usos da história na arqueologia de Michel Foucault**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos [online]., v. 15, n. 1 [Acessado 5 Julho 2022], pp. 169-181. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000100010>>.